

Tecnologia verde

Cresce no mundo a adoção de procedimentos e sistemas que reduzem o consumo de energia e as emissões geradas pelos negócios, com efeitos positivos para o meio ambiente e para os lucros

Edição:
Nicola Pamplona
Textos:
Cezar Faccioli

Pesquisa de órgãos independentes conduzida com 1.200 empresas de grande porte revelou que 44% delas adotaram mecanismos de TI Verde, processos baseados em Tecnologia de Informação que visam economizar energia, aperfeiçoar o desempenho operacional e reduzir o impacto ambiental. Outras 15% estão em vias de implantar modelo semelhante, o que elevaria o total para 60%. O movimento vem ganhando adeptos no Brasil, em empresas como Votorantim, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, mas ainda há desafios para uma utilização mais sustentável da tecnologia.

Entusiasta do fenômeno, Cláudio Soutto, diretor da área de Consultoria e especialista em TI da Deloitte, aposta em uma expansão ainda mais rápida da TI Verde do que a ocorrida nos últimos três anos. O Gartner Group, uma das principais instituições de levantamento de tendências em telecomunicações e informática, aponta um crescimento de 500% na adesão a programas de TI Verde desde o início de 2011.

Com base nos contatos da Deloitte, uma das líderes mundiais no segmento de auditoria e consultoria, Soutto destaca as multinacionais como grandes puxadoras do processo, refletindo os ajustes em curso nas matrizes. “É cada vez mais claro nos países desenvolvidos que a gestão do gasto de energia, do uso racional de matérias-primas para evitar desperdício, depende de ferramentas cada vez mais sofisticadas, que permitam a medição em tempo real do desempenho”, argumenta.

Antes, as empresas esperavam a fatura mensal - ou um susto com o consumo acumulado - para adotarem medidas de controle. Marcelo Ehalt, diretor de Engenharia da Cisco, uma das principais provedoras de soluções integradas em hardware e software do planeta, destaca a mudança cultural em curso, que privilegia a prevenção. Programas de smart grid (rede inteli-

gente) permitem coordenar a carga conforme o horário e evitar os picos tarifários, e equipamentos de switch reduzem automaticamente a carga ou colocam em standby (modo de espera) os aparelhos de menor utilização a cada momento.

Ehalt ressalta que as novas tecnologias redesenham o ambiente de trabalho. Há menor necessidade de deslocamento e uso mais intenso do trabalho remoto. Equipamentos e sistemas devem permitir aos colaboradores, de quaisquer dispositivos - celulares, tablets, laptops, PCs - acesso aos dados essenciais a suas tarefas, sem perda de segurança ou qualidade de conexão.

Os impactos na cultura corporativa são significativos, com as chefias tendo de se adaptar à ideia de que o trabalho continua mesmo sem a presença física da equipe. “Mecanismos como o Virtual Private Networking (VPN) permitem integrar colaboradores de diferentes partes do mundo, com acesso simultâneo a dados, apresentações, vídeos, o que for necessário para

simular uma reunião em um mesmo espaço. Na nossa empresa, eram comuns viagens internacionais para reuniões a cada trimestre. Agora, esses encontros tornaram-se anuais”, diz.

Fora o corte significativo de despesas, o novo modelo permite menor gasto de energia com deslocamentos e, por consequência, significativa redução de emissões poluentes. Controle de emissões, por sinal, é um tema crítico quando se trata de TI e telecomunicações. Nada menos de 2% do consumo de energia elétrica do mundo parte dos computadores, periféricos e demais dispositivos de processamento de dados. O que gera parcela muito semelhante de responsabilidade pelos gases do efeito estufa, dada a predominância, ainda hoje, das fontes fósseis de energia nos países-locomotivas da economia mundial, como China e EUA. Nos Estados Unidos, em que a informatização é mais intensa, 4% do consumo de energia parte de TI e telecomunicações.

“As emissões de CO² por equipamentos de TI correspondem à quantidade de CO² emitida por todos os aviões existentes”, compara Simon Mangay, do Gartner Group. De acordo com o Gartner, os datacenters nos Estados Unidos consumiram, em 2006, US\$ 4,5 bilhões em energia elétrica. Nos cinco anos subsequentes, a maioria dos datacenters corporativos investiu quase o mesmo valor em energia (incluindo refrigeração e eletricidade) do que em infraestrutura de hardware.

Os novos investimentos incluem a virtualização e a consolidação de servidores, recorrendo inclusive à partilha de Centros de Processamento de Dados entre empresas afins, pertencentes ou não ao mesmo grupo. Cada servidor virtualizado nos Estados Unidos economiza 7 mil kWh de energia elétrica e representa quatro toneladas a menos de dióxido de carbono na atmosfera. No Brasil, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil inauguraram este ano, com investimentos de R\$ 300 milhões, um Datacenter integrado, construído e equipado com base nos conceitos da sustentabilidade.

“

É cada vez mais claro que a gestão do gasto de energia e do uso de matérias-primas depende de ferramentas que permitam a medição em tempo real do desempenho”

Cláudio Soutto
Diretor da Deloitte